



O gato na janela

~ Miih

O gato na janela

Ventilação e combate ao mofo eram tudo que buscava ao abrir a janela da sala. Como acréscimo, recebia, diariamente, a vista privilegiada do apartamento da frente, cuja janela era frontal à nossa.

Sem muito esforço era possível, do lado de cá, contemplar a decoração tropical no imóvel vizinho, com samambaias e araras artesanais suspensas, assim como um pequeno vaso apoiado ao canto da soleira. O vasinho abrigava uma *Aristaloe aristata*, elegante em sua folhagem escura e pontuda. Porém, considero que a planta sofreu total desrespeito ao ter a cerâmica de seu recipiente pintada à mão. Não uma pintura qualquer, mas uma arte concretista, geométrica em retângulos de cores primárias e sem qualquer margem para lirismo. Tudo muito engessado, como se, dotado de tanta racionalidade, o artista não aceitou as incertezas e preencheu a criação com os mais completos cálculos, uso de régua e ciências. Como professora de artes visuais, não poderia deixar de analisar a obra “janela do vizinho” sem mencionar o aspecto “gato siamês que,

todos os dias, dorme recostado na tela de proteção”. O felino, sem dúvidas, era a cereja do bolo. Um verdadeiro exemplar de territorialista, um ser seguro e coeso que, de tanto examinar opções, constatou a janela como o local superior em níveis de conforto e de visibilidade.

Por outro lado, minha filha admirava a cena com interpretação distinta. Seus olhos, ao fitar o gatinho, transbordavam um encanto inocente de criança, como se, a cada novo amanhecer, tivesse um reencontro com a criatura mais extraordinária do planeta, capaz de realizar todo e qualquer feito.

Fascinada pelo animal, Vivi o transformou em seu principal assunto e povoou nossos momentos de refeição com sua face inventiva debruçada em torno de narrativas sobre o siamês. Dentre diversos relatos, a pequena podia jurar que, durante os cochilos, o gatinho conseguia permanecer por cinco minutos sem respirar e, assim, estava apto o suficiente para participar de competições de mergulho nas aulas de natação.

Em outra ocasião, minha filha, repleta de ânimo, comentou que os vizinhos haviam retirado o vasinho

pintado à mão da janela e que, por consequência, o felino teria mais espaço na soleira. Admito ter me alegrado com a notícia pelo bichinho, mas, especialmente, por mim. A aloe era uma planta formosa, mas a arte concreta em seu entorno não me conquistara. A subjetividade e o figurativismo já possuíam meu coração de grande apreciadora da Semana de Arte Moderna de 22 e os olhos agradeciam o favor dos vizinhos, embora soubesse que minhas preferências não diziam respeito à decoração alheia. Contudo, o sentimento vitorioso teve curta duração. Poucos dias após o desaparecimento da plantinha, o gato também sumiu. O transcorrer de uma tarde inteira sem a figura esguia do siamês na janela provocou a aflição de Vivi, cujos olhos revelavam o limite entre a angústia que guardava para si e o iminente despejar de lágrimas.

Na tentativa de consolo, comentei a possibilidade de terem levado o animal para viajar, afinal, ele merecia uma temporada de aventuras. No início, minha menina aceitou a ideia com certa relutância, mas, com o avançar dos dias, sentiu a viagem longa

demais, do qual não pude discordar.

Então, o momento fatídico sucedeu. Os adornos suspensos foram retirados do apartamento e um anúncio de aluguel apossou-se do blindex da janela.

Sabíamos, enfim, que gatinho havia ido embora.

Como consequência, o jantar daquela noite foi regado a choro e desespero. Diante da agonia de Vivi, me senti impotente e, em minha fraqueza, acabei por escolher as palavras erradas:

_ Filha, você não pode ficar assim - comecei, com voz firme, esforçando-me para transmitir confiança. - O gatinho não era nosso, você nunca nem brincou com ele...

A partir daí, com a resposta dela, notei que meus argumentos eram absolutamente tolos e ignorantes:

_ Mesmo assim, mãe... ele era importante para mim... agora foi embora - Vivi fez uma pausa para enxugar os olhinhos e prosseguiu. - Um dia, na escola, eu tive medo de fazer a prova de multiplicação porque acho difícil. Então, lembrei do gatinho que é corajoso e dorme em lugares altos sem ficar assustado. Aprendi a enfrentar por causa dele!

No mesmo instante notei que a garotinha, trinta anos

mais nova, me iluminava com sabedoria que antes ignorei. Afinal, ela havia descoberto algo simples, mas espantosamente árduo de assimilar: o afeto e a troca não exigem contato direto, o sentimento basta.

Por uma fração de segundos pude recordar os museus e galerias que nunca visitei, mas que, apenas por suas existências, eram meu motivo de acalento, pois sabia que neles a arte, meu ponto de refúgio e equilíbrio, estava abrigada. Ou mesmo antes das artes visuais integrarem minha vida. Quantas coisas não amei e admirei de longe e que, de formas tão variadas, partiram de minha vida?

A dor de Vivi era, sem dúvidas, válida e compreensível. Uma dor que, naquele instante, a machucava em seu grau mais elevado.

Meu intuito, a partir dali, tornou-se ajudá-la em sua jornada de cura. Para isso, sugestionei que terminasse a refeição para darmos uma volta pelo parquinho do condomínio e sua expressão revelou surpresa por se tratar de um inesperado convite na quinta-feira.

Como eu esperava, o passeio repentino motivou o tímido retorno da euforia de Vivi e, ao chegar ao

pequeno parque, ainda desorganizado pela grama recém cortada, nos sentamos nos balanços e na companhia da Lua cheia, tomada de luz e graciosidade: _ Você vê a Lua, Vivi? - perguntei e, após seu sinal afirmativo, avancei com o raciocínio. - Ela está muito longe de nós, mas traz força e inspiração para muitas pessoas, assim como o gatinho fez por você. Isso não vai acontecer, mas, se algum dia a Lua sumisse e não voltasse, não seria o fim de tudo. Aqueles que tiveram a oportunidade de admirar sua beleza nunca vão esquecer do seu brilho bonito. Espero que com o nosso vizinho de quatro patas seja assim e que a coragem que ele te ensinou seja sempre lembrada. A pequena estreitou os olhos, como se navegasse em meio às recordações. Em seguida, esboçou um sorriso singelo e concordou com minhas palavras, antes de me pedir para empurrá-la no balanço. Seu desejo era ir bem alto a fim de consolidar os ensinamentos de bravura deixados pelo siamês, um inusitado mentor que, sábia e naturalmente, colaborou para que Vivi transpusesse algumas barreiras de sua meninice.